

Um triângulo que não é reto

Gilberto Schwartsmann

Presidente da Fundação Bienal do Mercosul

Professor Titular da Faculdade de Medicina da UFRGS

Membro Titular da Academia Nacional de Medicina

Presidente da Academia Sul-Riograndense de Medicina

Sim. Dar uma resposta à onda de pessimismo que parecia decretar o fim de um ciclo virtuoso em nossas artes visuais. Esta me parece uma boa justificativa para nossa euforia diante da realização da 11^a Bienal do Mercosul. O conceito é simples. A arte será sempre um valioso instrumento utilizado pelo homem, para entender melhor o mundo que o cerca. E devemos lutar por ela. O pintor Edvard Munch dizia que “a arte vem da necessidade do ser humano abrir o coração e revelar os seus sentimentos”.

O fato de uma pessoa se comover diante de uma obra de arte, reconhecer-se nela ou imaginar o que o artista estaria sentindo ao produzi-la, mostra que há uma ligação inquebrável entre nós, seres humanos. Mesmo quando nossas

opiniões ou crenças nos colocam em polos distintos, são os nossos sentimentos que nos aproximam e nos fazem perceber que, queiramos ou não, pertencemos a uma fraternidade maior denominada humanidade.

Quando Monet pintou os belos jardins de Giverny, seu desejo era compartilhar conosco a sua beleza. No famoso mural Guernica, Picasso eterniza sua indignação com a destruição daquela cidade pelas forças nazistas aliadas do ditador espanhol Franco. Porque a arte não é apenas a expressão de nossos sentimentos. Além de sua força estética, a arte educa, torna-nos criativos, estimula o pensamento crítico, denuncia injustiças, mostra indignação e nos ajuda a romper barreiras, projetando-nos em direção ao futuro.

Por acreditar na força libertadora da arte, é que lutamos pela realização desta 11ª Bienal do Mercosul. Nosso desafio começou por identificar um curador que nos garantisse uma elevada qualidade artística e, ao mesmo tempo, trabalhasse sobre uma temática de valor para nossa sociedade. O curador alemão Alfons Hug foi o escolhido para liderar este projeto. Homem de grande experiência em curadoria de mostras de arte contemporânea, ele possui também um profundo entendimento sobre as circunstâncias

históricas que serviram de base para a nossa formação cultural.

O “Triângulo Atlântico” é um tema fascinante. Leva-nos a mergulhar nos últimos cinco séculos de nossa existência, nas profundezas deste imenso oceano, na busca de indícios na arte contemporânea sobre as matrizes formadoras da cultura brasileira. Teremos como pano de fundo desta mostra de arte um olhar sobre nossa formação cultural. E isto fatalmente nos fará refletir sobre algumas questões fundamentais.

Com olhos de ver, encontraremos nesta viagem imaginária, sobre os mares do Atlântico, as marcas do genocídio do indígena americano pelo conquistador europeu. Identificaremos, na certa, as circunstâncias históricas que nos levaram ao premeditado ocultamento de nossa matriz cultural africana. Afinal, quem é este brasileiro que surge no Novo Mundo, a partir destas múltiplas influências? Foi assim que pensamos a 11ª Bienal do Mercosul.

E para chegar a este objetivo, Alfons Hug contou com Paula Borghi, sua competente curadora adjunta. De minha parte, optei por seguir os conselhos de Paulo Amaral e Carlos Eugenio Trevi, delegando a responsabilidade da produção à brilhante Beatriz Araujo, cujo recente trabalho sobre Simões Lopes Neto, no

Santander Cultural, simplesmente me encantara.

Experiente e ciente do que representa uma Bienal do Mercosul, e o leitor entenderá a sua dimensão nos próximos dias, quando a Porto Alegre aportarem artistas, críticos, imprensa e visitantes de todas as regiões do planeta, Beatriz sugeriu que fizesse parte de nossa equipe de produção André Severo, artista e produtor consagrado, com várias passagens por bienais e inquestionável habilidade de interagir com artistas e equipe de produção.

Mas realizar uma bienal não é tarefa fácil. Havia importantes desafios a enfrentar, mas ao mesmo tempo enormes oportunidades de aprendizado. Dentre os desafios, o ambiente financeiro adverso e os rumores de que não mais haveria bienal nos pareciam os primeiros a serem vencidos.

Com a recessão econômica, os grandes e tradicionais apoiadores simplesmente evaporaram. Restou-nos, pois, montar um orçamento mais modesto, buscando apoios financeiros de menor valor, mas compensados por um universo maior de parceiros. E no sentido de reverter o pessimismo e descrença da comunidade artística e da população em geral em relação à nossa capacidade de realizar a 11^a

Bienal do Mercosul, decidimos promover várias atividades culturais preparatórias. Isto só foi possível pela determinação do presidente do conselho, Renato Malcon, do vice-presidente Sergio Maia e dos membros de nossa diretoria.

Começamos com o memorável concerto da escadaria da Igreja das Dores, em março de 2017, sob a regência do Maestro Antonio Borges-Cunha. Quase cinco mil pessoas participaram daquela bela festa. E nosso diretor Carlos de Britto Velho coordenou encontros mensais, nos quais artistas gaúchos pintaram sobre o tema da 11^a Bienal do Mercosul no Parque da Redenção. E vieram depois os seminários, debates e conferências, liderados pelos diretores José Rivair Macedo, Maria Lúcia Kern e Arthur Bender. E os recitais e aproximações com a Câmara do Livro, Festival de Cinema de Gramado e Teatro São Pedro, apoiados pelos diretores, Mario Englert, Claudia Laitano, José Santayanna e Eduardo Brunelli.

De fato, a diretoria da 11^a Bienal é composta por pessoas com grande experiência em bienais anteriores, como Mathias Kisslinger Rodrigues, diretor financeiro, André Jobim de Azevedo, diretor Jurídico e nosso competente executivo Volmir Gilioli. E nossas atividades preparatórias culminaram com a ideia de trazermos o Prêmio Nobel de Literatura, Wole

Soyinka, pela Fundação Bienal, no encerramento da Feira do Livro.

Durante o processo de captação de recursos, confirmei algo que já sabia. A sociedade avança quando suas conquistas são consolidadas por instrumentos legais. As pessoas não se dão conta da importância das leis de incentivo à cultura. Não fosse por elas, a maioria de nossos eventos culturais não aconteceriam. A 11ª Bienal do Mercosul não é consequência do mecenato. Quem a sustenta são recursos de deduções fiscais, usando as leis de incentivo à cultura.

Observei que para ganhar maior eficiência na captação de recursos, as instituições culturais devem trabalhar de modo colaborativo. Perde-se muito com esforços isolados. Ao disputar fontes comuns de recursos, instituições com objetivos semelhantes embarcam em uma luta fratricida. Isto mecer maior reflexão.

É importante também que não subestimemos os desdobramentos que uma mostra de arte como a 11ª Bienal do Mercosul pode trazer ao nosso meio cultural e artístico. Uma bienal mobiliza diferentes segmentos econômicos que gravitam em torno da arte. Eventos desta magnitude estimulam não apenas o mercado de arte local, mas criam novas oportunidades para esta cadeia produtiva, refiro-me aqui aos artistas,

curadores, produtores, galeristas e outros profissionais da arte. Uma Bienal permite que estes profissionais interajam e vislumbrem novos mercados e horizontes.

Como cidadão brasileiro, a 11^a Bienal do Mercosul me parece uma oportunidade preciosa de reflexão sobre o nosso país. No Brasil, negros e mulheres estão sempre em piores condições do que homens e brancos. Isto é vergonhoso. Durante nossas atividades preparatórias, tive a honra de conhecer um grande brasileiro de nome Milton Guran, antropólogo e coordenador do projeto que tornou o Cais do Valongo, no Rio de Janeiro, o maior porto escravagista de toda a história da humanidade, Patrimônio da Humanidade.

Segundo a historiadora Monica Lima, o Cais do Valongo é um ponto que conecta as histórias do deste “Triângulo Atlântico”. Ali reside a memória viva do que foi a escravidão. Por esta razão é que ele é hoje denominado sítio de memória sensível, ou seja, um local que lembram erros que a humanidade jamais deverá repetir. Como Auschwitz ou Robben Island. O escritor nigeriano Chinua Achebe dizia que a história não é boa e nem má. Ela é simplesmente a história. E nós fazemos parte dela, com seus momentos luminosos e terríveis pesadelos.

Espero, também, que esta 11^a Bienal do Mercosul suscite discussões sobre o novo papel da mulher em nossa sociedade, tão bem discutido na obra *A terceira mulher*, de Gilles Lipovetsky. A partir da metade do século XX, surgem mudanças na condição feminina, as quais foram mais intensas do que em todas as épocas anteriores. Há hoje uma nova mulher, liberta de sua vinculação exclusiva à procriação e livre para o exercício de atividades profissionais. Uma mulher livre também para decidir quanto à sua sexualidade e cada vez mais participativa em terrenos de histórica dominação masculina, como, por exemplo, no direito à cidadania e nos espaços políticos.

Da mesma forma, o respeito à opção sexual do indivíduo é um tema que suscita enorme discussão em nossos tempos. Devemos encontrar formas de convivência respeitosa, sem que haja um crivo moral ou se aplique um olhar preconceituoso sobre esta questão. Em minha opinião, como sociedade, não é admissível que passemos novamente por episódios como o fechamento da exposição *Queermuseum - Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, em Porto Alegre. Há alguns dias, no Festival Internacional de Cinema de Beijing, na China, o filme *Call Me By Your Name*, premiado com o Oscar de melhor direção adaptada, foi retirado da programação.

Seria impensável que a 11^a Bienal do Mercosul, primeira grande mostra de arte do país no período pós-*Queermuseum* não trouxesse reflexões sobre esta crescente onda de intolerância sexual que testemunhamos no mundo da arte.

Na realidade, a mostra percorre um período histórico, do início do século XX até os nossos dias, com obras sobre a temática de gênero e diversidade sexual. Renomados artistas assinavam obras incluídas na *Queermuseum*, como Cândido Portinari, Lígia Clark, Adriana Varejão, Fernando Baril, Hudinilson Jr., Leonilson e Yuri Firmesa, entre outros. Lígia Clark, por exemplo, tem uma de suas obras incluídas na atual seleção do acervo do Museu de Arte Contemporânea de Nova Iorque em exibição na Fundacion Louis Vitton, em Paris. Adriana Varejão possui peças em coleções dos mais importantes museus do planeta, como a Tate Modern, em Londres, o Museu Guggenheim, em Nova York, e a Fundação La Caixa, em Barcelona.

Como presidente da Fundação Bienal do Mercosul, e aqui deixo minha posição pessoal e não como representante de nosso Conselho e da Diretoria, causou-me imensa tristeza que uma exposição daquele porte tenha sido

interrompida. A arte é, sim, um ambiente apropriado para o debate sobre questões como gênero e diversidade sexual. E este debate não é apenas de nosso tempo. *L'Origine du monde*, quadro pintado por Gustave Courbet há quase dois séculos, exhibe um nu frontal feminino, imagem de apelo erótico mesmo nos dias de hoje. E continua pendurado em uma das paredes do Museu d'Orsay, para deleite de quem deseja vê-lo.

Para a 11ª Bienal do Mercosul, após profunda reflexão de nosso grupo de trabalho e consultores, decidimos defender a liberdade de expressão dos artistas e a independência curatorial da mostra. E fazendo uso da experiência de outras instituições culturais e da legislação vigente, decidimos salvaguardar o direito daqueles que não queiram compartilhar o conteúdo de certas obras.

Em respeito a estes, serão incluídos sinais de alerta na entrada dos espaços expositivos e também nos locais específicos onde obras potencialmente polêmicas estejam sendo exibidas. É esta a nossa proposta pacificadora para esta questão. Do contrário, perdemos todos como sociedade. Vale aqui resgatar alguns pensamentos do filósofo Luc Ferry sobre o reconhecimento da humanidade que nos constitui, ou seja, a valorização da preocupação

que devemos nutrir uns pelos outros.

O autor propõe uma solução através da aceitação de um humanismo baseado na reciprocidade do amor, o qual conduza o ser humano a tirar o foco em si próprio e dirigi-lo ao outro. Assim, eliminam-se juízos morais ou religiosos, que nos forcem a agir por coação. Esta solução, em que o homem consegue alcançar a alteridade, busca o “bem pelo bem” e não por outros interesses. E possibilita que pautemos as relações pelo respeito aos demais. E é aí que nos tornamos sacralizados, a partir de nossa própria humanidade.

A consequência de uma visão mais solidária do outro é que este passa a ter também suas próprias razões e verdades, igualmente justas e defensáveis. Assim, as razões de ambas as partes podem conviver, sem que se desqualifiquem mutuamente, ou seja, sem que a verdade de um elimine a verdade do outro. A solução proposta pelo filósofo, tão bem desenvolvida em sua obra *Do amor, uma filosofia para o século XXI*, poderia ser um marco teórico para a discussão de temas como a intolerância e o preconceito. Quando alguém me pergunta o que a arte de nosso tempo tem de diferente da arte que se produzia no passado, eu penso que a resposta reside na liberdade de criação. A arte contemporânea não segue dogmas, escolas ou ideias pré-concebidas.

Em resumo, eu ficarei orgulhoso se esta Bienal nos surpreender por sua beleza ou força estética. Mas confesso que espero muito mais. Que a mostra também suscite discussões e nos provoque a pensar no Brasil e no mundo que sonhamos. E nos coloque frente a temas como liberdade de expressão, desigualdade e respeito às diferenças. E que este “Triângulo Atlântico” tenha espaços abertos. Ajude-nos a olhar o mundo de modo mais solidário, com mais compaixão e humanidade. E quando cruzarmos com jovens senegaleses, haitianos e muçulmanos, pelas ruas Porto Alegre, que possamos lembrar que eles são seres humanos, como nós, forçados a abandonar seus países de origem, nestas idas e vindas, pelos mares da história do Homem em nosso planeta.